

MULHERES NEGRAS E A SUBVERSÃO DE UMA PRESENÇA INVISIBILIZADA: CONSTRUÇÃO DE VÍDEO ETNOGRÁFICO

TEREZA CRISTINA B. DUARTE¹; JULIANA DOS SANTOS NUNES; CLAUDIA
TURRA MAGNI; HAMILTON BITTENCOURT²; LOUISE PRADO ALFONSO³

¹Universidade Federal de Pelotas – terezaantropologia@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – rodaviva.nunes@gmail.com; ²Universidade Federal de Pelotas
- clauturra@yahoo.com.br; ²Universidade Federal de Pelotas- hamilton.bittencourt@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – louiseturismo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

*Toda avenida é terreiro
Terreiro é território
Território é espaço de mulheres
Lá naquela encruza vem mulher
Você não enxerga porque são mulheres
Helen Diogo - Mulheres da Encruzilhada*

Esta pesquisa tem por objetivo pensar, dentro do contexto pelotense, sob o viés teórico e metodológico da antropologia, a presença e a invisibilidade da mulher negra nos espaços de intelectualidade, majoritariamente brancos, onde ainda há muito para conquistar, consolidar e discutir.

Nascer mulher e negra no Brasil, não é uma tarefa fácil, no sul do Rio Grande do Sul, especialmente em Pelotas, torna-se ainda mais crítico, tendo em vista que nossa cidade e estado ainda são considerados brancos e de colonização européia, gerando agravantes ainda mais acentuados quando estamos dentro dos nossos corpos marcados pelas diferenças raciais, de gênero e de classe. Somos, por vezes, toleradas e quase sempre questionadas: quanto à competência, ao caráter, à inteligência. Na realidade não difere muito do que ocorre a nível nacional, pois observa-se que esta presença invisibilizada nada mais é do que o reflexo de uma construção social, perpetuando o racismo, legado da escravidão. Pelotas, reconhecida pela sua arquitetura eclética materializada em seus grandes casarões, que ocupam o centro da cidade, tem sua riqueza diretamente ligada à produção ao ciclo do charque (LONER, 1999) e, por conseguinte, à mão-de-obra escravizada trazida como principal força laboral.

Dessa maneira, pensando sobre a continuidade de nossas histórias, durante o ano de 2022, produzi um vídeo etnográfico para a disciplina de Antropologia e Imagem sobre a percepção das mulheres negras no espaço acadêmico, a partir das narrativas de minhas interlocutoras. Essa etnografia, construída coletivamente, foi sendo tramada através dos seus relatos, criando uma teia com vários pontos de conexão, mas todas tinham a resistência nestes espaços e suas redes de apoio, como determinantes para a sua permanência. Escolhi o título: **“Airi: do tumbeiro a academia”**, Airi em lorubá significa invisível e a intenção justamente é exaltar a nossa trajetória ancestral, nos navios negreiros onde reinavam a dor e a morte, da resiliência dos nossos que sobreviveram e construíram uma estrada que não foi em nenhum momento tranquila, e é através dela que conseguimos chegar ao cenário acadêmico.

2. METODOLOGIA

Inicialmente, trabalhei nesse vídeo com sete interlocutoras de diferentes trajetórias acadêmicas e idades, duas colaboradoras que me auxiliaram na captação das imagens e contato com as entrevistadas. Entretanto, um dos grandes problemas girava em torno da exposição diante das câmeras: algumas interlocutoras recuaram. Os motivos são diversos, desde problemas pessoais, por não querer reavivar a dor das feridas, final de semestre e atribulações. Compartilhei com uma colega de disciplina a dificuldade que estava tendo para executar o trabalho e ela conseguiu um contato, e assim, cheguei à *legião*. Organizei duas perguntas norteadoras para os relatos, porém o mais importante era abrir espaço para a escuta naquele momento de troca de experiências. As questões que embasaram a conversa eram:

- Como é ser mulher negra na universidade?
- Em algum momento você já se sentiu invisibilizada ou silenciada neste contexto? Faça um breve relato.

O material contempla arquivos de áudio, filmagens e trilha sonora disponíveis no youtube. Pela sensibilidade dos relatos e conteúdo, decidi preservá-las, mantendo o anonimato, salvo as que não se importaram em ter sua identidade revelada. Ao longo da execução, duas interlocutoras, mesmo depois de concordarem em participar, acabaram desistindo. As recusas, revelam a dificuldade de muitas vezes revisitar situações passadas ou recentes, a vergonha, o medo, e todas as vezes em que não houve o devido acolhimento, afinal que garantias essas pessoas têm? E neste momento me coloco no lugar delas, sei como é difícil sair da carapaça de torpor que nos ajuda a suportar as mazelas da exclusão, da violência simbólica e do silenciamento, mesmo depois a abolição da escravidão, como diz bell hooks (2022): “a prática de se reprimir os sentimentos como estratégia de sobrevivência continuou a ser um aspecto da vida dos negros, mesmo depois da escravidão” (Portal Geledés consultado em 27/06/2022).

Às vezes, é necessário esquecer, pelo menos por hora, para não sucumbir e desistir da caminhada. É importante compreender que os nossos interlocutores e interlocutoras estão acima do nosso planejamento e de nossa vontade, e fazer antropologia é ter um olhar sensível (OLIVEIRA, 1996) sobre a dor e a vida do outro, suas dificuldades, suas crenças, medos e adversidades, como isso tudo permeia a sua existência, e dessa maneira respeitá-la. Nesse sentido, penso que ser invisível e silencioso, na maioria das vezes, não é apenas o que querem de nós, mas também um lugar seguro, um mecanismo de autodefesa e de proteção. Foi a minha primeira experiência de produção audiovisual, fora algumas tentativas rudimentares há bastante tempo, depois da graduação em 2004. A tecnologia mudou muito de lá pra cá e para edição, utilizamos o software gratuito Shotcut, uma câmera semiprofissional e contamos com a ajuda do técnico de edição de vídeo do Leppais(ICH/UFPEl), que foi fundamental para definir a montagem e recursos de áudio e vídeo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Não poderia iniciar um vídeo falando de mulheres negras, sem falar na em nossa espiritualidade e que sempre devemos saudar o Bará, o Exu, o dono da rua e dos caminhos antes de iniciar qualquer coisa e, por isso, foi a trilha escolhida para a abertura do vídeo. Nosso povo guiado por ele, conseguiu a força necessária para suportar a travessia do oceano, vencer a fome, a dor e a morte, o inferno da escravidão e uma “libertação” que nunca nos deixou livres, pois o açoite veio de outras formas: a fome continuou, assim como o desprezo de uma sociedade que exalta a branquitude, e que é nosso algoz até hoje. Na epígrafe deste resumo, temos um fragmento da poesia de Helen que aparece na íntegra ao longo do vídeo, e fala do desprezo pelo corpo feminino e pela mística associada às mulheres: elas são as bruxas, as rezadeiras, benzedadeiras, as que praticam uma “ciência menor”, emocionais, loucas, descompensadas e em contrapartida, alerta para o nosso poder e energia ancestral, para o respeito com o nosso sagrado. Sobre a associação da negritude a um estereótipo e o desconforto no espaço acadêmico, a interlocutora Bia, traz o seguinte relato:

“Eu fiquei como uma carta marcada, a menina do afro. Vai pro palco: é dança afro, dança afro é macumba...Via colegas se trancando no banheiro pra não participar daquele momento...mas o que mais me chocou eram os professores compactuando com isso, talvez por falta de conhecimento, ou apenas de vontade mesmo...”(Bia, 2022)

Seguimos resistindo, alcançando metas e puxando os nossos para que possamos romper com essa estrutura racializada e cruel, lutando contra o epistemicídio (SANTOS, 2010), o racismo institucional e estrutural (ALMEIDA, 2019). A sociedade alimenta um imaginário coletivo que nos diz cotidianamente quais lugares, nós mulheres negras devemos ocupar e quais não, de forma sutil, porém constante. Como somos vistas, tratadas, abusadas e sem direito ao amor, como diz nossa saudosa bell hooks sobre a negação de afeto, carinho e cuidado com esse corpo. Então, como não sofrer por habitar um corpo negro, quando tudo diz que ele é inadequado? Um corpo que está à margem, que quando se desloca e desafia a subalternidade, está fora de lugar, como diz Grada Kilomba (2019). Um corpo, que não está associado a produção de conhecimento e a intelectualidade pois segundo uma das interlocutoras ***“o pensamento intelectual sempre foi reservado para outro tipo de corpo; não esse corpo preto, esse corpo que está sempre associado ao que é braço, ao que é matéria” (Ana, 2022).***

Como consolar a menina do curso de dança que não quer mais ser a “menina do afro”? a mesma que segundo os colegas, faz “macumba” no palco, que se violenta e pergunta em desespero ao professor, como tirar o afro de seu corpo? Que ouve do professor que ele não entende como ela foi parar ali (na universidade), e que certamente não iria conseguir sair...” e que ouve : ***“Tua presença é uma afronta pra mim”***. Da menina que diz : ***“ Resistir nesse espaço consome toda a minha energia...Estou aqui porque gosto, não porque é fácil. Eu sigo, mas tive que dar adeus a muitos dos meus, que por várias razões não conseguiram” (Ana, 2022).***

O vídeo foi apresentado em primeira mão para a turma de Antropologia Visual, do curso de Antropologia, em agosto de 2022, e a sessão foi organizada pela professora titular da disciplina e um professor convidado para conduzir o debate. Foram ressaltadas a importância dessa construção coletiva e troca de experiências, a potência dos relatos, além de destacar a temática como um alerta para docentes e discentes para a reflexão sobre o ambiente acadêmico, que geralmente é hostil, hegemônico e etnocêntrico refletindo um posicionamento da

sociedade, que ainda tem dificuldade em reconhecer a diversidade e outras epistemologias. Esse cenário por vezes se torna um fator determinante para o adoecimento e evasão de pessoas negras, perpetuando o ciclo de exclusão e de falta de representatividade.

4. CONCLUSÕES

Durante as gravações me vi em vários relatos, em várias cenas, revisei minha escrita e, ao mesclar esses depoimentos, associados à imagem e à poesia, construímos uma poética embasada numa antropologia coletiva e da escrevivência (EVARISTO, 2017). Ao compartilhar o vídeo com as interlocutoras, as reações foram de emoção e reconhecimento, mas principalmente, a compreensão de que não estão sozinhas nessa luta por (re)existir na universidade, que devem seguir, pois nossa caminhada traz conosco os passos de nossos ancestrais, o sangue, e tudo que viveram para que chegássemos até aqui. Nossa presença negra na academia, jamais deve ser uma tentativa de adaptação ao sistema eurocêntrico já posto, de esquecimento de nossa história e origem. Deve sim, mostrar, que através da nossa ancestralidade, honramos nossa essência, que está em valorizar a troca de saberes e coletividades, em outros modos de ser e habitar espaços de poder e produção de conhecimento que até então não acessávamos. O vídeo contempla o fechamento do último capítulo da minha tese e fala de uma caminhada que começou em África, há centenas de anos, e de que, guiada por Exu, tem quebrado barreiras, escrito novas histórias, que não chegamos até aqui por acaso e que seguiremos. Fecho o vídeo com a reza dos Orixás Ibejes, as crianças, que representam o futuro, a mudança e a esperança de dias melhores para o povo negro. Ubuntu!!!!

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural** -- São Paulo : Sueli. Carneiro ; Pólen, 2019. 264 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro).
- BELL, Hooks. **Vivendo de Amor**. (<https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>) Acesso em 27/06/2022.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Editora Pallas. 2017.
- KILOMBA, Grada - **Memórias da Plantação-Episódios de racismo cotidiano**; tradução Jess Oliveira. - 1. ed.-Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.248p.
- LONER, Beatriz Ana. **Negros: organização e luta em Pelotas**. História em revista. Pelotas: UFPel, v.5, dezembro de 1999, p. 07-27.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Olhar, ver e escrever**: in O Trabalho do Antropólogo, 1996.
- SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo; Editora Cortez. 2010. 637 páginas.